

OS BASTIDORES DA ADAPTAÇÃO DO LIVRO- REPORTAGEM ROTA 66, OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO: agora, na entrevista especial com o repórter Caco Barcellos

*BEHIND THE ADAPTATION OF THE BOOK ROTA 66, THE CHALLENGES
OF TRANSLATION: now, in a special interview with journalist Caco Barcellos*

*LOS BASTIDORES DE LA ADAPTACIÓN DEL LIBRO ROTA 66, LOS
DESAFÍOS DE LA TRADUCCIÓN: ahora, en una entrevista especial con el
periodista Caco Barcellos*

Gabriel Bhering

Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora - MG, Brasil

bhering.gabriel@estudante.ufjf.br

<https://orcid.org/0000-0002-6292-5215> 

Iluska Coutinho

Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora - MG, Brasil

iluska.coutinho@ufjf.br

<https://orcid.org/0000-0001-5597-9453> 



Créditos da foto: Luiz Felipe Saleh, repórter cinematográfico da TV Globo São Paulo (2025).

[Descrição da imagem] Fotografia colorida registrada em ambiente interno de escritório. À esquerda, Gabriel Bhering, um homem jovem, de cabelos escuros curtos, barba discreta e óculos, veste camisa azul e casaco escuro. Ele está sentado à mesa, de perfil, voltado para a direita, com uma das mãos apoiada sobre papéis e livros, em postura de entrevista. À direita, Caco Barcellos, um homem de cabelos brancos, vestido com uma blusa de gola alta verde-escura, também está sentado e gesticula com as mãos enquanto conversa. Sobre a mesa de madeira há dois livros empilhados, folhas impressas, um teclado, um monitor de computador e outros materiais de trabalho. Ao fundo, vê-se uma parede com a identidade visual do programa Profissão Repórter, uma janela voltada para uma área com vegetação e, à direita, um painel fotográfico com a paisagem urbana da cidade de São Paulo. A cena transmite o contexto de uma entrevista presencial em ambiente jornalístico. [Fim da descrição].

Resumo: A presente entrevista é uma conversa exclusiva com o jornalista Caco Barcellos sobre os bastidores da adaptação do livro-reportagem *Rota 66: a história da polícia que mata* para a série audiovisual lançada no Globoplay em 2022. O material integra uma pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFJF), que investigou os desafios de adaptar livros-reportagem para o audiovisual, de modo a manter nessa travessia os compromissos éticos com as vítimas. Durante a entrevista, autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFJF), Barcellos abordou sua relação com a equipe responsável pela adaptação, revelou seu único veto – não transformar a obra a favor dos matadores –, refletiu sobre as fronteiras entre realidade e ficção e apresentou sua perspectiva sobre os desafios de traduzir uma investigação jornalística para uma narrativa seriada audiovisual.

Palavras-chave: livro-reportagem; adaptação; *Rota 66*; Caco Barcellos; entrevista.

Abstract: This interview is an exclusive conversation with journalist Caco Barcellos about the behind-the-scenes process of adapting the reportage book *Rota 66: a história da polícia que mata* into the audiovisual series released on Globoplay in 2022. The material is part of a master's research project defended in the Graduate Program in Communication (PPGCOM-UFJF), which investigated the challenges of adapting reportage books to the audiovisual medium while preserving ethical commitments to the victims throughout this process. During the interview, authorized by the Research Ethics Committee (CEP-UFJF), Barcellos discussed his relationship with the team responsible for the adaptation, revealed his only veto – not turning the work in favor of the perpetrators – reflected on the boundaries between reality and fiction, and presented his perspective on the challenges of translating a journalistic investigation into a serialized audiovisual narrative.

Keywords: reportage book; adaptation; *Rota 66*; Caco Barcellos; interview.

Resumen: La presente entrevista es una conversación exclusiva con el periodista Caco Barcellos sobre el detrás de escena de la adaptación del libro-reportaje *Rota 66: a história da polícia que mata* a la serie audiovisual estrenada en Globoplay en 2022. El material forma parte de una investigación de maestría defendida en el Programa de Posgrado en Comunicación (PPGCOM-UFJF), que investigó los desafíos de adaptar libros-reportaje al audiovisual de manera que se mantuvieran, a lo largo de este proceso, los compromisos éticos con las víctimas. Durante la entrevista, autorizada por el Comité de Ética en Investigación (CEP-UFJF), Barcellos abordó su relación con el equipo responsable de la adaptación, reveló su único veto — no transformar la obra a favor de los victimarios —, reflexionó sobre las fronteras entre realidad y ficción y presentó su perspectiva sobre los desafíos de traducir una investigación periodística a una narrativa audiovisual seriada.

Palabras clave: libro-reportaje; adaptación; *Rota 66*; Caco Barcellos; entrevista.

Enquanto digitava frase por frase do primeiro capítulo do livro-reportagem *Rota 66: a história da polícia que mata*, o jornalista Caco Barcellos imaginava uma plateia assistindo àquelas cenas no cinema. Ao lançar a obra em 1992, o repórter percorreu diferentes cidades do Brasil a partir de uma turnê organizada pela editora e recebeu, nesse processo, variados convites para adaptação, levando-o a selar, ainda no primeiro mês, uma proposta que não foi para frente. O desejo de traduzir a obra em audiovisual continuou presente por décadas até o lançamento da série no Globoplay em 2022. “Desde o momento contratual, coloquei na minha cabeça: é direito de quem compra fazer uma nova obra”. Apesar de reconhecer e concordar com as operações modificadoras no processo de tradução, o jornalista sentiu a necessidade de inserir um veto em específico. “Não transformar essa obra a favor dos matadores que ainda praticam a pena de morte diariamente no Brasil”, destaca o repórter.

A denúncia materializada no título do livro se consolida nas páginas com o caso de três amigos da elite paulistana, assassinados pela Polícia Militar após roubarem o toca-fitas do automóvel de um jovem rival. Assim que avistados, fugiram e passaram a ser perseguidos pela PM, que atirou nos garotos em vez de realizar a prisão em flagrante, alegando no boletim ter ocorrido troca de tiros. As famílias residentes no bairro Jardins, por terem acesso aos meios de comunicação da época, expuseram o caso que ganhou as manchetes dos jornais em 1975. Além desse crime relatado em profundidade no início da reportagem, Barcellos, a partir de uma narrativa confeccionada mediante estratégias de jornalismo literário, apresentou casos de jovens periféricos assassinados na cidade de São Paulo. Em síntese, constatou-se o seguinte acerca da cor da pele de 3944 das 4179 vítimas identificadas: “1932 eram brancas e 2012 negras e pardas” (Barcellos, 2022, p. 330).

Diante desse dado obtido na apuração, Barcellos denunciou o *modus operandi* da Polícia Militar de São Paulo como uma prática racista, que pode ser interpretada à luz do conceito de necropolítica. “(...) as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem” com o necropoder, conforme observou Mbembe (2016, p. 146). Nas páginas do livro-reportagem, a diluição dessas fronteiras pode ser identificada com clareza nas ações policiais. O direito à liberdade é completamente apagado com o martírio que os jovens de São Paulo enfrentam, a ponto de serem assassinados.

À vista dessa apuração, responsável por desvelar com uma riqueza de detalhes o *modus operandi* da Polícia Militar de São Paulo, a obra publicada em 1992 venceu o Prêmio Jabuti de melhor reportagem do ano seguinte. Por consequência, tornou-se um marco do jornalismo literário brasileiro, sendo utilizada como referência de leitura obrigatória nos cursos de jornalismo de norte a sul do Brasil. Embora o livro-reportagem comece trazendo o caso dos amigos da elite paulistana, esse é apenas o estopim para o repórter desenvolver uma apuração de fôlego. Ao contar as histórias das vítimas negras periféricas com compromisso ético, Barcellos se opõe às abordagens dominantes dos jornais brasileiros, que as tratavam, na maioria das vezes, como bandidas. É importante esclarecer que esse trabalho se concretizou de modo independente ao seu exercício nas redações jornalísticas do país, apesar de suas produções diárias influenciarem a obra.

O livro-reportagem tem potencial de penetrar, “por vezes, em temas pouco explorados pelos periódicos” (Lima, 2009, p. 39), como ilustra *Rota 66*, que tentou renegociar signos rígidos da superestrutura ao revelar que a maioria dos jovens assassinados são inocentes e não trocaram tiros com a polícia, diferente do tratamento que

recebem como bandidos nas representações midiáticas hegemônicas. O jornalista Gabriel Bhering, a par da complexidade de adaptar um livro-reportagem dessa estatura, submeteu um projeto de pesquisa para o mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF). Assim que aprovado, com orientação da professora Iluska Coutinho, o pesquisador buscou trabalhar no problema de pesquisa: “O processo de travessia do livro-reportagem *Rota 66: A história da polícia que mata* para a série audiovisual conseguiu preservar o compromisso com as histórias das vítimas narradas pelo repórter Caco Barcellos?”.

O primeiro passo nessa investigação foi mapear teorias que pensam a palavra se transformando em audiovisual, como a tradução intersemiótica (Jakobson, 1969), que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (Jakobson, 1969, p. 65). A teoria da adaptação (Stam, 2008) também se volta para o mesmo fenômeno, mas as suas bases estão firmadas na hipertextualidade (Genette, 2006) e no dialogismo (Bakhtin, 2003). A partir dessas teorias, é possível começar a pensar a série audiovisual *Rota 66: a polícia que mata*, com oito episódios, lançada no Globoplay em 2022.

Além dessas vertentes, o livro-reportagem, ao ser adaptado, entra em um universo de convergência (Jenkins, 2009), no qual pode receber estratégias de transmidiação (Fechine, 2013), como ilustra a edição especial do programa *Profissão Repórter*, Rota 66 – a história da polícia que mata: 30 anos, que entrevistou familiares e vítimas sobreviventes narradas nas páginas a fim de mostrar ao público como estão hoje em dia e quais traumas perduram em suas vidas. A partir desse mapeamento de teorias, foi possível tecer a seguinte reflexão sobre o percurso metodológico: “a travessia do livro-reportagem para as telas precisa passar por um processo de triangulação, de modo a atingir reflexões mais abrangentes acerca do fenômeno” (Bhering; Coutinho, 2025, p. 1).

Posteriormente à organização dessas teorias, o pesquisador propôs entrevistar os envolvidos no processo adaptativo: Caco Barcellos (autor), Gustavo Mello (produtor), Philippe Barcinski (diretor), Maria Camargo (roteirista), Teodoro Poppovic (roteirista), Fernanda Prestes (pesquisadora), Naruna Costa (atriz) e Rômulo Braga (ator), a fim de investigar os compromissos éticos existentes nessa gênese adaptativa. De modo a cumprir os requisitos do programa, Gabriel Bhering, bolsista Capes no primeiro ano (2024) e Fapemig no segundo (2025), submeteu o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e foi aprovado para entrevistar, na modalidade semiaberta (Duarte, 2009), os envolvidos nessa tradução intersemiótica. Esse

formato escolhido permite que o pesquisador crie uma lista prévia de questões-chave, que “pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras duas podem ser reunidas em uma só, por exemplo” (Duarte, 2010, p. 66).

Na dissertação, as entrevistas são acionadas na análise da materialidade audiovisual (Coutinho, 2018) da série, de modo a colaborar na reflexão teórica do processo adaptativo da obra *Rota 66*, que mesclou o documental com o aspecto fabulativo (Bhering; Coutinho; 2025). A iniciativa de publicar as entrevistas na íntegra em periódicos especializados da área é um modo de viabilizar que o entrevistado tenha a sua entrevista organizada em um material específico, o qual traz, além das respostas, um texto de abertura que pode ser lido por pesquisadores e interessados pela temática. Aqueles que desejarem ler as respostas obtidas, entrelaçadas à análise, podem recorrer à dissertação *As novas rotas dos livros-reportagem: a adaptação das páginas para o audiovisual*, disponível no repositório institucional da UFJF.

Assim que se tornou apto para entrevistar os envolvidos no processo adaptativo do livro-reportagem *Rota 66*, o pesquisador proponente dedicou esforços para conseguir entrevistar o autor da obra, objetivando investigar como se deu a relação autor-roteirista e as possíveis contribuições de Barcellos nessa tradução intersemiótica. Apesar de todo o preparo das entrevistas para aprovação no CEP, o mestrando inicialmente não conseguia dimensionar como poderia contatar o apresentador do Programa *Profissão Repórter*. Nesse processo, ele lembrou do cinegrafista da Globo, Luiz Felipe Saleh, egresso da FACOM – UFJF e amigo de Barcellos, que viabilizou, com toda prontidão, a intermediação para que esse encontro se tornasse possível nos estúdios Globo em São Paulo.

Durante o processo de adaptação do livro-reportagem *Rota 66: a história da polícia que mata*, você foi consultado e esteve envolvido com a equipe, acompanhando de perto a roteirização? Em algum momento você ficou inseguro em levar uma apuração jornalística para uma série na qual as histórias foram reconstituídas, ganhando um aspecto ficcional? Afinal, o personagem Reloginho, por exemplo, que está em um núcleo familiar, na série é chamado de Tic-tac e ganha outro contexto. Você acha que as vítimas deveriam ser ouvidas nesse processo?

CACO BARCELLOS: Além de compreender que é direito de quem compra fazer uma nova obra, eu achava muito chato se ficasse com a expectativa de que fosse o livro filmado. Coloquei na cabeça que não seria. Agora, diante do meu desejo de escrever uma reportagem e convencer esses matadores a pararem de matar, deixei muito claro que a

minha única condição era que esse livro não fosse transformado em uma obra a favor dos matadores. Afinal, são mais de 100 mil homens só no Estado de São Paulo. Essa condição estabeleci para vender os direitos. Até porque houve um filme anterior, chamado *Tropa de Elite*, que teve essa contação: o herói era o matador. Esse ganhou popularidade em uma sociedade conservadora como a nossa, que não só defende, como pratica essa ação criminosa. Não queria que o meu livro, mesmo em uma obra audiovisual, fosse transformado nisso.

Na divulgação da série, o Globoplay tratou a produção como uma homenagem à sua trajetória profissional. Inclusive, você, que tem aparições pontuais no livro-reportagem, na série ganha um protagonismo pelo fato de a narrativa explorar também o Caco pai, namorado, filho e não apenas repórter. Embora o seu jornalismo esteja repleto dos bastidores da produção, ainda há limites no seu aparecimento, que ganha um destaque na série. Como você lidou com esse processo e, em algum momento, você pensou que ficou com mais destaque do que as próprias vítimas ou houve um equilíbrio?

CACO BARCELLOS: Não estava previsto no contrato que eu fosse virar um consultor do roteiro, mas eles me mostraram o tempo inteiro e foram transformando a partir dos comentários que fiz na época. Achei muito legal isso pelo respeito que eles tiveram para não me ofender e criar um personagem muito diferente do que eu sou. Ao mesmo tempo, eu achava interessante que eles fizessem como bem entendessem, porque muitas vezes a gente não tem uma autocrítica muito interessante: a gente acha que é uma coisa, mas todo mundo está te vendo de outra forma. No fim, depois assistindo à série, eu achei até que ele foi mais generoso comigo. Gostei mais de mim na série do que sou geralmente (risos). Por vezes, conversei com eles madrugadas inteiras. Estive sempre aberto. Sobretudo com o Carrão, que foi para a rua comigo acompanhar uma reportagem e vivenciar situações bem delicadas. Isso resultou em uma atuação bem coerente com aquilo que a gente faz na rua. Todo o tempo, o diretor e roteirista me ligavam, tentando deixar aquilo o mais próximo do livro. Mas, veja, sempre com liberdade de criar por ser uma obra de ficção. Não esperava que fossem rigorosos com o livro, pois, se é ficção e a obra não é minha, era um direito de eles transformarem, mas penso que foram bem cuidadosas ao associar com o conteúdo do livro, embora não fosse obrigatório esse compromisso.

Atualmente, as produções sobre *true crime* têm crescido, muitas vezes dando destaque para o criminoso. Embora a adaptação de *Rota 66* também trate de um crime real, a história foi contada mais uma vez pelo ponto de vista das vítimas, a fim de ser condizente com suas condições de adaptação. Como a denúncia se ressignificou com a série audiovisual? É possível afirmar que houve uma ampliação dessa denúncia?

CACO BARCELLOS: Não sei te responder a essa pergunta, sinceramente. Talvez, sim. O público pode ser outro. Não sei se ampliou, mas espero que sim. Os comentários que recebi nas ruas são semelhantes àqueles que já recebo normalmente com o nosso trabalho no *Profissão Repórter*. Espero que tenha contribuído de alguma forma.

Na sua perspectiva, quais são os riscos ao levar uma apuração jornalística para o audiovisual e, em alguma medida, ficcionalizar essa história? Embora esse processo seja ancorado na factuality, há impasses? Quais critérios você acredita serem necessários perseguir nessa travessia das páginas para o audiovisual quando o assunto é uma reportagem? É necessário ter algum critério ou a produção pode ser feita livremente pela equipe de audiovisual?

CACO BARCELLOS: Se mantiver o critério de ética e responsabilidade, acho maravilhoso. Mas sempre reconhecendo serem produtos diferentes. Se o objetivo é uma obra de não ficção, eu acho que o rigor deve ser o mesmo daquele da rua que desempenhamos ao fazer as reportagens. É um compromisso idêntico. Agora, ficção é outro universo. Pode ser uma ficção misturada com não-ficção. Gosto muito dos filmes do Martin Scorsese, por exemplo, pois ele pratica esse tipo de obra. Costumo gostar mais quando ele apresenta o arquivo da verdade do que da ficção, porque acho que a realidade supera muito, muito mais, obras de ficção. Claro, depende muito da produção e do autor, mas, em regra, na minha percepção, a realidade e a reportagem superam muito a ficção, sobretudo quando envolve violência e tragédia.

Um pouco antes da estreia da série audiovisual, foi ao ar uma edição especial do *Profissão Repórter* sobre *Rota 66*, na qual você e sua equipe entrevistaram familiares sobreviventes da ação criminosa praticada pela Polícia Militar. Essa ideia partiu de você ou foi uma estratégia de divulgação sugerida pela equipe da Globo a fim de motivar o pessoal que assistiu ao programa a ver a série e vice-versa?

CACO BARCELLOS: Por certo, não foi intenção utilizar como processo de divulgação da série. Afinal, a gente sempre fala sobre esses assuntos de chacinas da polícia, a qual é a mais violenta do mundo. É uma pauta permanente. Às vezes até tento evitar falar porque acho muito pesado. Particularmente, quando me envolvo, fico chateado e indignado, por parecer que tudo continua como era. Não acredito que esse tema influencie tanto as pessoas, porque, se tivéssemos relevância mesmo, bastava meia dúzia de histórias contadas para a sociedade repelir totalmente essa ação das polícias militares. Mas não é isso que ocorre; a gente vê que essas histórias continuam acontecendo, às vezes com frequência maior, às vezes menor. Quase uma instituição de esquadrão da morte nas polícias militares. Uma série desses matadores virou homem público: vereador, prefeito e deputado. Então, diante dessa aprovação por parte da sociedade, infelizmente a gente não tem força para transformar essa opinião e, mais do que opinião, os atos, pois matar é um ato concreto. Terrível.

Caco, quando você publicou o livro-reportagem em 1992, você sofreu diferentes formas de retaliação. Com a série, aconteceu alguma situação semelhante na recepção?

CACO BARCELLOS: Foi bem tranquilo. Houve um episódio, sim, durante a gravação feita pela produtora, em que duas ou três equipes da Rota invadiram o local de filmagem. Eles atribuíram aquilo a uma operação de rotina deles; não foi sob ordens do comando. Acho até razoável o argumento que eles deram, porque era um quartelão inteiro com automóveis de ficção da polícia, que não eram reais, mas exatamente iguais. Se fosse eu, policial, passando por ali e visse meia dúzia de veículos da Rota subindo e descendo com sirene, ia me perguntar: “o que houve aí?” Talvez eu descesse correndo atirando para cima também (risos). Eu até fui contra terem deixado eles entrarem, afinal não tinha mandado judicial, mas acho que tudo se resolveu informalmente ao esclarecerem que aquela movimentação chamou atenção deles, assim como o comando, que também explicou oficialmente dessa forma. As gravações continuaram e não houve depois nem mais um episódio como esse, nem após o lançamento. O nosso poder de influenciar é pequeno, porque, se fosse grande, talvez tivesse dado uma grande repercussão, mas isso não aconteceu.

O seu outro livro-reportagem, *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, também será adaptado? O projeto já está em andamento? O que podemos esperar dessa nova adaptação?

CACO BARCELLOS: Eu não sei te dizer ainda, mas é verdade, a gente está conversando e já tem várias pessoas interessadas em transformar em um longa ou uma série, como foi o *Rota*. Inclusive, ideias que misturam ficção com realidade, mas ainda é cedo para te falar, pois não sentei com os roteiristas e diretores. Não sei exatamente quem fará. Se você demorar a acabar o seu trabalho, eu te digo se essa negociação avançar (risos). Por enquanto, está muito no começo. Já falamos sobre conteúdo, mas não com diretores, roteiristas e produção. Muito incipiente ainda.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Gabriel Bhering. **As novas rotas dos livros-reportagem**: a adaptação das páginas para o audiovisual. 2026. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2026. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/20615>. Acesso em: 14 jul. 2026.

BARCELLOS, Caco. **Abusado**: o dono do morro Dona Marta. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**: a história da polícia que mata. 22. ed. São Paulo: Galera Record, 2022.

BHERING, Gabriel; COUTINHO, Iluska. A fabulação ampliada na adaptação do livro-reportagem para o audiovisual. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 14, p. e35421, 2025. DOI: 10.5752/P.2237-9967.2025v14e35421. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/35421>. Acesso em: 23 mar. 2026.

BHERING, Gabriel; COUTINHO, Iluska. Tradução intersemiótica, teoria da adaptação e transmediação: percursos para investigar o livro-reportagem no audiovisual. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 30, n. 1, 2025. DOI: 10.5380/am.v30i1.98722. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/98722>. Acesso em: 23 jul. 2026.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Duarte, J.; Barros, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ED. São Paulo: Atlas, 2010, p. 62-83.

FECHINE, Yvana et al. Como pensar os conteúdos transmídias na dramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: Lopes, M.I.V. (org.) **Estratégias de transmediação na ficção televisiva brasileira**. Volume 3. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução de Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. *In*: Jakobson, R. (org.). **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **Arte & Ensaios**: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

ROTA 66: a história da polícia que mata: 30 anos depois. Direção: Caco Barcellos. **Profissão Repórter**. São Paulo: TV Globo, 18 out. 2022. 1 vídeo (39 min)

ROTA 66: a polícia que mata. Direção: Philippe Barcinski e Diego Martins. [S. l.]: Globoplay, 2022. 1 recurso online (8 episódios). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/rota-66-a-policia-que-mata/t/mYMy5jHd7H/>. Acesso em: 23 jul. 2026.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**: realismo, magia e a arte da adaptação. Tradução de Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

DADOS DE PUBLICAÇÃO

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: G. Bhering, I. Coutinho

Coleta de dados: G. Bhering

Análise de dados: G. Bhering

Discussão dos resultados: G. Bhering, I. Coutinho

Revisão e aprovação: G. Bhering, I. Coutinho

ORIGEM DA PESQUISA

A entrevista é oriunda da dissertação de mestrado *As novas rotas dos livros-reportagem: a adaptação das páginas para o audiovisual*, de Gabriel Bhering, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM - UFJF), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2026. Disponível em: <https://repositorio.uff.br/jspui/handle/uff/20615>. Acesso em: 23 jul. 2026.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece a Luiz Felipe Saleh, repórter cinematográfico da TV Globo SP e egresso da Faculdade de Comunicação (FACOM - UFJF), por ter mediado o contato com o jornalista Caco Barcellos e viabilizado a entrevista na redação do Profissão Repórter.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP - UFJF). Número do Parecer: 7.419.297 e data de aprovação: 28 de fevereiro de 2025.

CONFLITO DE INTERESSES

As pessoas autoras declaram não haver interesses conflitantes.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

Os dados parciais foram publicados no próprio artigo. Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está incluído no corpo do artigo.

LICENÇA DE USO

A autoria cede à revista Estudos em Jornalismo e Mídia os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação

inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em *site* pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Dairan Paul
Rogério Christofoletti

HISTÓRICO

Recebido em: 23-07-2025
Aprovado em: 02-04-2026
Publicado em: 31-07-2026